

O “NACIONAL” E O “UNIVERSAL” N’ A REVISTA MODERNISTA MINEIRA

Júlio de Souza VALLE Neto¹

RESUMO: Os três números de *A Revista*, publicados entre 1925 e 1926 em Belo Horizonte – graças ao empenho, sobretudo, de Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Martins de Almeida e Gregoriano Canedo –, dedicam grande espaço à discussão do nacionalismo literário. Os artigos oscilam entre a aceitação e a repulsa do estrangeiro, tendências por vezes presentes num mesmo texto. Nessa análise, examinam-se especialmente os artigos de Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade e Martins de Almeida, pretendendo-se, com isso, realçar o sentido de *tensão* nas relações nacional-estrangeiro. Reavalia-se, assim, o teor de universalismo por vezes atribuído à publicação.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Periódicos Modernistas; Modernismo Brasileiro.

ABSTRACT: The three numbers of *A Revista*, published in 1925 and 1926 in Belo Horizonte by important modernist Brazilian writers, dedicate great attention to the discussion of the literary nationalism. The articles oscillate between the acceptance and the rejection of the foreign element, existent tendencies sometimes in the same text. In this analysis, there are examined specially the articles of Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade and Martins de Almeida. Finally, the objective of this paper is to highlight the sense of *tension* in the relations foreign-national and, in this way, to re-value the “cosmopolitanism” sometimes attributed to the publication.

Keywords: Brazilian Literature; Modernist Magazines; Brazilian Modernism.

França: Totem e Tabu

“Éramos profundamente brasileiros, nacionalistas e tradicionalistas – apesar de nossa posição esteticamente avançada” (Nava, 1978). A frase com a qual Pedro Nava descreve o espírito dos colaboradores d’*A Revista* realça um dos pontos mais salientes depreendidos da leitura do periódico mineiro: o nacionalismo, sobretudo em chave literária, mas também, por vezes, política. A questão é de múltiplo interesse, pois falar em “nacionalismo” implica, por exemplo, dispensar ao “cosmopolitismo” – por vezes também chamado de “universalismo” – um arranjo conceitual particular, mediante o qual os dois níveis instauram uma relação de conciliação, confronto ou, mais provavelmente, um misto de ambos.

A primeira questão essencial, nessa discussão, consiste em examinar em que medida o desejo de *afirmação* do nacional determina, por outro lado, uma *recusa* do estrangeiro. Nos anos 20 d’ *A Revista*, esse estrangeiro era, de um lado, Portugal, mas de outro, e sobretudo, França,

¹ Doutorando em Literatura Brasileira pelo IEL-UNICAMP. Agradeço à FAPESP pela bolsa de doutoramento e a Antonio Arnoni Prado pela orientação desta pesquisa.

cuja influência cultural era então avassaladora. Pedro Nava, reavaliando os anos de formação modernista, toma a França como a “nossa velha e incomparável mentora” (Le Moing, 1996, pp.288-289). Em Belo Horizonte, a Livraria Alves, ponto obrigatório de peregrinação modernista, recebia livros importados dos dois países, ainda que em número reduzido e temporalmente bastante defasado. Era muito difundido, sobretudo, o culto a Anatole France, cuja veneração, entretanto, começava a fraquejar.

Em carta endereçada a Mário de Andrade, datada de 22 de novembro de 1924, afirma Drummond: “Como todos os rapazes da minha geração, devo imenso a Anatole France, que me ensinou a duvidar, a sorrir e a não ser exigente com a vida” (Santiago, 2002, p.56). Mário de Andrade responde exasperado ao reconhecimento de gratidão de Drummond para com o escritor francês: “Mas meu caro Drummond, pois você não vê que é esse todo o mal que aquela peste amaldiçoada fez a você! Anatole ainda ensinou outra coisa de que você se esqueceu: ensinou a gente a ter vergonha das atitudes francas, práticas, vitais” (Santiago, 2002, p.67). A Mário, mentor modernista dos jovens intelectuais mineiros, preocupa certa apologia à inação que, possivelmente, possa se depreender da literatura de France. Esse apelo, num contexto em que se pretendia precisamente instaurar um novo modo de expressão artística, representaria, como se deduz, um risco a semelhante projeto.

Antes mesmo da resposta de Mário de Andrade, entretanto, Drummond havia publicado um artigo, quando da morte de France, no qual já se nota o cerne da tensão entre repulsão e admiração no tocante ao escritor. O texto já começa impiedoso, dando bem o tom de necrológio às avessas prevalente até o final. Diz Drummond: “... a morte de Anatole France, que o telégrafo só agora nos anuncia, é um acontecimento de vinte anos atrás.” Para John Gledson, no artigo sobre France, “o seu ceticismo e a sua credulidade, o estilo brilhante e a incapacidade de apreciar os simbolistas, o crítico dos outros e o auto-satisfeito são vistos sob o aspecto do anacronismo: era ‘um grande escritor que teve o seu relógio atrasado’” (Gledson, 1981, pp.40-42).

A ambigüidade da relação com Anatole France pode, de certo modo, estender-se à relação com a própria França como um todo. É sintomático, por exemplo, que para louvar a obra do músico Erik Satie, Drummond (assina “C.”) precise bradar: “É francês? Que importa que seja francês? Ele é principalmente do nosso tempo” (Drummond, 1978, p.56). Ora, nada poderia ser mais ilustrativo desse mal estar do que um pedido de licença para elogiar um francês... Muito dessa moderação viria, certamente, da ação profilática desenvolvida por Mário de Andrade, cuja

viagem a Belo Horizonte, em 1924, deixara-lhe a impressão de estar visitando uma provinciana sucursal francesa. O verso de Drummond, “Tarsila, Oswald e Mário revelando Minas aos mineiros de Anatole”, citado no trecho das *Memórias* de Pedro Nava dedicado ao modernismo belorizontino dos anos 20, vem bem a propósito desta situação (Nava, 2003, p.203). Na correspondência com Drummond, Mário desencoraja-lhe seguidamente o uso de galicismos em seus poemas. E receita expressamente: “Descanse, não leia França uns meses (...)” (Santiago, 2002, p.113)². Aliás, não por acaso a sua contribuição no primeiro número d’ *A Revista* – projeto de capítulo para o romance *Amar, Verbo Intransitivo* – versa justamente sobre a cultura francesa, personificada na figura de um garçom solícito cuja servidão bem ilustraria a “medida”, a “ordem” e o “meio-termo” típicos do país, onde abundam a “claridade risonha, felicidade e ceticismo”, atributos cuja presença lamentará, precisamente, na obra de Anatole France e tidos como inconvenientes aos interesses brasileiros da época (Andrade, 1978, p.16). Para usar de uma metáfora freudiana, quase poderíamos tomar a França como um misto de *totem* e *tabu* para a geração do primeiro periódico modernista mineiro³.

Entre o Nacional o o Estrangeiro: A Revista

Essa ambivalência comunica-se, de algum modo, às páginas d’ *A Revista* dedicadas à discussão do nacionalismo literário, item fundamental num dado momento modernista. Nelas, encontramos tanto formulações conciliadoras entre o *nacional* e o *universal* quanto propostas mais impositivas e conflituosas de afirmação da nacionalidade. No primeiro grupo, registre-se por exemplo o editorial de Carlos Drummond de Andrade – não assinado, mas cuja autoria é seguramente informada por Martins de Almeida⁴ - publicado no número de estréia do periódico. O trecho é claro:

2 A sugestão feita a Pedro Nava para que troque o título de seu poema “Aterrissage” para “Aterreagem” parece seguir o mesmo intento. Cf. *Correspondente Contumaz*, p.39. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

3 Com os anos, a opinião de Mário em relação à influência francesa no Brasil irá mudar. Leyla Perrone-Moisés descreve a mudança nestes termos: “Em 1935, Mário de Andrade publicou um artigo intitulado ‘Decadência da influência francesa no Brasil’. Nos anos 40, ele acrescentou uma nota manuscrita, na qual observava, com preocupação, “a desmedida avançada cultural dos Estados Unidos sobre nós”. Comparando essa influência à influência francesa, ele acaba por afirmar que esta é preferível, porque é “a que menos exige de nós a desistência de nós mesmos”, enquanto a americana, que é também uma servidão econômica, “não se contentará de ser influência, será domínio.” Cf. *Vira e Mexe Nacionalismo*, pp.73-4. São Paulo, Companhia das Letras, 2007. O artigo de Mário de Andrade pode ser lido em *Vida Literária*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1993.

4 Plínio Doyle é quem assinala o fato em anexo à edição fac-similar d’ *A Revista*. Cf. “A Revista (extraído de *História de revistas e jornais literários*)”. In: *A Revista*. São Paulo: Metal Leve, 1978.

Será preciso dizer que temos um ideal? Ele se apóia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitui o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenofobia nem o chauvinismo, e que, longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra de nossa originalidade original. (Drummond, 1978, p.12)

A idéia de conciliação é patente – e bem reflete as idéias do jovem que, pouco tempo antes, confessava-se completamente enamorado da civilização francesa a um tanto desagradado Mário de Andrade.⁵ Desse ponto de vista, o editorial tenta resolver as forças antagônicas então em curso no espírito do jovem poeta: *nacionalismo* e *universalismo* aparecem aqui sem oposição aparente e apostando-se num equilíbrio possível, muito embora a idéia de *submissão* às “correntes civilizadoras” da Europa (e de uma Europa que em matéria de civilização parecia ter pouco a oferecer, mal saída das trincheiras da Primeira Guerra...) trairia a admissão de uma ordem hierárquica capaz de, por si só, problematizar o almejado equilíbrio.

Outro texto, também escrito sob o signo da conciliação – aqui já não tão pacífica – é o artigo “Renascença do Nacionalismo”, de Emílio Moura. Para o poeta, o nacionalismo não deveria se restringir a certo nativismo mais estreito (“...e afastar, para longe, a tanga dos nossos caciques artificializados”), de modo a entrar, já maduro, “no quadro de um universalismo bem compreendido”: “Universalismo é fundo de cena. É preciso criar o primeiro plano, onde o cunho de nacionalidade não seja, apenas, um ilusionismo da platéia despreocupada” (Moura, 1978, p.37). Como se depreende, embora os dois domínios não se excluam propriamente, releva o risco de a influência estrangeira obliterar a formação da nacionalidade, que só depois de madura estaria apta a ensaiar vôos mais generalizantes – como, de resto, a própria poesia posterior de Emílio Moura o faria.

Se nos textos de orientação conciliadora vislumbra-se um equilíbrio pacífico, nos escritos de Martins de Almeida abre-se logo mão de investir em tal objetivo. No Editorial do número dois d’ *A Revista*, “Para os espíritos criadores”, poucas linhas depois de recusar os “preconceitos rígidos” e os “exclusivismos estéreis”, Almeida pressente “o perigo enorme do cosmopolitismo”: “É a ameaça de dissolução do nosso espírito nas reações de transplantação exótica. Não podemos oferecer nenhuma permeabilidade aos produtos e detritos das civilizações estrangeiras.” E conclui: “Temos de recompor a nossa faculdade de assimilação para transformar em substância

5 Cf. *Carlos & Mário, op. cit.*, especialmente as cinco cartas trocadas entre 28 de outubro a 30 de dezembro de 1924 (cf. pp.40-87).

própria o que vem de fora” (Almeida, 1978, p.12). Ainda que a frase final do trecho comporte, relativamente, uma perspectiva mais aberta à influência estrangeira, salta aos olhos o cunho um tanto xenófobo – aliás contrário ao do editorial de Drummond – presente no texto.⁶ Em resenha a *L'Europe Galante*, de Paul Morand, publicada no mesmo número, Almeida discorre mais claramente sobre os males do cosmopolitismo:

Não dou fé a uma verdade extra-pátria. Os valores internacionais merecem pouco crédito. O escritor só adquire a plena força criadora em contato com a atmosfera natal. Só é compreensível o cosmopolitismo como meio de educação, como forma disciplinar. Isto para um povo de energia primitiva e fundo étnico como o russo. (Almeida, 1978, p.54)

Do exposto, releva o conflito da relação nacional-estrangeiro, perceptível mesmo, por vezes, em termos categóricos. Será por isso necessário, talvez, matizar certas afirmações sobre a publicação, como a de Antonio Sérgio Bueno, para quem “Universalismo e Nacionalismo se equilibram” n’ *A Revista* (Bueno, 1982, p.181), e a de Cecília de Lara, que vê no periódico “o nacional incidindo no regional e abrindo-se para o universal” (Lara, 1978)⁷. Tal conciliação nunca é pacífica na publicação, mesmo naqueles textos em que se ensaia uma tentativa de equilíbrio – e sobretudo nas intervenções mais categóricas de Martins de Almeida. Não por acaso, certamente, Pedro Nava afirma, no texto “Recado de uma Geração”, aludindo implicitamente ao texto de Almeida:

Pregava-se uma posição nacionalista e de pouco crédito às verdades extra-pátria. Aí está o embrião paradoxal, de certas tendências de direita assumidas posteriormente por algumas figuras do grupo – tendência largamente compensada pelos que penderam depois para a esquerda e para o centro democrático (Nava, 1978)

O termo “paradoxal” resume bem o espírito da publicação, na qual é patente um anseio de integração, ressaltado pelos juízos críticos citados, que não evita, por outro lado, certas manifestações de auto-suficiência cultural, como as de Martins de Almeida. Será por isso mais interessante, talvez, preservar o cunho de *conflito* – e não o de *conciliação*, sempre virtual – que

6 Antonio Sérgio Bueno também assinala tal impressão em *O Modernismo em Belo Horizonte: década de 20*, pp.46 a 49. Belo Horizonte, Editora UFMG/PROED, 1982.

7 Em defesa à tese de Bueno, vale lembrar que o seu trabalho propõe uma comparação entre *A Revista* e um periódico modernista mineiro pouco posterior, *Leite Criôlo*, em relação ao qual, de fato, a publicação parece bem mais simpática aos influxos culturais estrangeiros.

emana das páginas d' *A Revista*.⁸ Eis o principal intento deste breve artigo, cuja hipótese central, se válida, pode colaborar, por exemplo, para novos confrontos entre a produção ainda verde, dos 20, com a madura, nas décadas seguintes, de colaboradores futuramente célebres como Carlos Drummond de Andrade – como aliás sugere, com acerto, Cecília de Lara. Em chave mais genérica, pode colaborar, também, com as reavaliações de como se desenvolveu e eventualmente se alterou, ao longo dos anos, a idéia de nacionalismo literário no modernismo brasileiro em geral e mesmo no mineiro, em particular. Ambas as propostas, embora fujam das ambições mais modestas deste texto, podem derivar da abordagem aqui privilegiada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. “Para os espíritos creadores”. *A Revista*, Belo Horizonte, n. 2, pp.11-13, Agosto, 1925 (Edição Fac-Similar). São Paulo: Metal Leve, 1978.

_____. Resenha a *L'Europe Galante*. *A Revista*, Belo Horizonte, n. 2, pp.54-55, Agosto, 1925 (Edição Fac-Similar). São Paulo: Metal Leve, 1978.

ANDRADE, C. D. “Para os scepticos”. *A Revista*, Belo Horizonte, n. 1, pp.11-13, Julho, 1925 (Edição Fac-Similar). São Paulo: Metal Leve, 1978.

_____. “Capítulo”. *A Revista*, Belo Horizonte, n. 1, pp.14-16, Julho, 1925 (Edição Fac-Similar). São Paulo: Metal Leve, 1978.

_____. “Decadência da influência francesa no Brasil”. *Vida Literária*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1993, pp.3-5.

BUENO, A. S. *O Modernismo em Belo Horizonte: década de 20*. Belo Horizonte, Editora UFMG/PROED, 1982.

CANEDO, G. “A Situação”. *A Revista*, Belo Horizonte, n. 1, p. 21-22, Julho, 1925 (Edição Fac-Similar). São Paulo: Metal Leve, 1978.

DOYLE, P. “A Revista”. Apêndice a *A Revista*. São Paulo: Metal Leve, 1978.

⁸ Aliás, a publicação trará outras tantas contradições ao longo de seus três números, como lembra o próprio Pedro Nava em *Beira-Mar*: Cite-se, por exemplo, a alternância entre passadistas e modernistas n' *A Revista* (em “Faze de tua dor um poema”, Drummond irá ridicularizar procedimentos literários desgastados que são lidos, entretanto, a sério, em contribuições de outros colaboradores) e a apologia e resistência à imigração (presentes nos textos de Gregoriano Canedo - “A Situação”, publicado no número de estréia do periódico - e Martins de Almeida, respectivamente).

GLEDSON, J. “Os primeiros escritos de Drummond e o Modernismo”. **Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade** (tradução do autor). São Paulo: Duas Cidades, 1981.

LARA, C. “A Revista: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas”. Apêndice a **A Revista**. São Paulo: Metal Leve, 1978.

LE MOING, M. **A Solidão Povoada: Uma Biografia de Pedro Nava**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.

MOURA, E. “Renascença do Nacionalismo”. **A Revista**, Belo Horizonte, n. 1, p. 36-38, Julho, 1925 (Edição Fac-Similar). São Paulo: Metal Leve, 1978.

NAVA, P. “Recado de uma Geração”. Apresentação a **A Revista**. São Paulo: Metal Leve, 1978.

_____. **Beira- Mar**. São Paulo: Ateliê Editorial/ Giordano, 2003.

_____. “Uma Velha Campanha”. **A Solidão Povoada: Uma Biografia de Pedro Nava**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996. P. 288-289.

PERES, F. R. **Correspondente Contumaz**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

PERRONE-MOISÉS, L. **Vira e Mexe Nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, S. **Carlos & Mário**. Rio de Janeiro: Editora Bem-Te-Vi, 2002.